











- | | |
|---|---|
|  |  |
| Arqueologia | Pelourinho |
|  |  |
| Conjunto Preservado | Imóveis de Interesse |
|  |  |
| Arte Sacra Igrejas/Capelas | Imaterial |
|  |  |
| Fontes | Património Vernacular |
|  |  |
| Miradouro | Percursos Pedestres |



Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia

Necrópole megalítica de Areita

Povoado da Senhora da Assunção

Berrão de Paredes da Beira

Vicus de Paredes da Beira

Necrópole medieval das Feiticeiras

Necrópole medieval da Acheira

O abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia localiza-se a sudoeste da freguesia de Paredes da Beira, na margem direita do rio Távora. Conhecido por “Penedo dos Macacos”, este abrigo tem cerca de 7 m de comprimento e 3 m de largura, tendo sido ocupado durante um período de tempo relativamente pouco longo, onde se realizaram pinturas em tons de vermelho, com uma provável conotação religiosa.

Datável dos inícios do IV milénio a.c., teve inicialmente uma ocupação esporádica, mas com maior incidência ocupacional nos finais do IV milénio a.c., quando se executa a primeira representação do painel – cena de caça

a um cervídeo – para posteriormente se realizar a execução do restante painel, onde se esquematizam motivos antropomorfos (seres humanos) e zoomorfos (animais). As comunidades que utilizaram este espaço, tinham uma base económica de cariz agrícola, sendo suportada pela caça. Os materiais provenientes da escavação arqueológica, contemplam cerâmicas manuais, na sua maioria lisas e de cor laranja, sendo alguns recipientes decorados; o material lítico é em pedra lascada e polida, destacando-se elementos de moinhos manuais, lascas, uma enxó e um pequeno machado, em exposição no Museu Eduardo Tavares.

A necrópole megalítica de Areita era constituída por cinco monumentos megalíticos, localizados a sul do atual aglomerado populacional de Paredes da Beira. O Dólmen de Areita é o monumento fúnebre mais importante desta necrópole, e um dos mais imponentes deste território. Também conhecido por “Anta da Bouça da Senhora Berta”, é constituído por uma câmara poligonal de sete esteios, corredor médio, e com base nos artefactos encontrados em escavação arqueológica durante os anos de 1996 a 1998, pelas suas características e pelas datações realizadas, podemos situá-lo cronologicamente nos finais do IV milénio a.c. (Neolítico Final).

Nos esteios 4 e 7 da câmara, foram identificados diversos motivos gravados, destacando-se as gravuras existentes no esteio de cabeceira. Os materiais encontrados neste monumento (machados, enxós, goivas, pontas de setas, facas, contas de colar e vasos cerâmicos decorados) refletem não só o modo de vida das comunidades que construíram estes sepulcros, como também demonstram fortes crenças religiosas (ídolos, objetos votivos). Os materiais osteológicos provenientes deste monumento, permitiram ainda identificar a deposição de um número mínimo de seis indivíduos no interior deste espaço.





Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia

Necrópole megalítica de Areita

Povoado da Senhora da Assunção

Berrão de Paredes da Beira

Vicus de Paredes da Beira

Necrópole medieval das Feiticeiras

Necrópole medieval da Acheira

No interior da câmara, subsiste uma estrutura tipo “caixa”, relacionada com a deposição temporária de oferendas. Estes vestígios arqueológicos encontram-se em exposição no Museu Eduardo Tavares.

Espaço do sagrado e da ritualidade, o Dólmen de Areita é uma sepultura coletiva construída pelas comunidades deste território no período do Neolítico Final, momento em que emerge a agricultura e a domesticação dos animais, a par da recolha de frutos e da prática da caça. Este monumento representa uma das primeiras manifestações de contacto entre o Homem e o atual território de S. João da Pesqueira.

Durante o III milénio a.c., período do Calcolítico, assiste-se à construção de povoados, em locais de boa visibilidade estratégica, em locais ermos, onde protegidos por sólidas fortificações, assiste-se ao controlo do território. Em alguns casos, esta ocupação prolonga-se pela Idade do Ferro e do Bronze.

O povoado da Senhora da Assunção, fazia parte de um conjunto de povoados que ainda hoje se encontram neste território (Carapito, Reboledo, Castelo Velho, Chãs de Murganho, Outeiro Alto, Castelinhos). Este povoado situa-se a norte do atual espaço urbano de Paredes da Beira. Possui muralha com cerca de três

metros de largura e com metro e meio de altura. A existência desta muralha pressupõe desde logo o carácter defensivo e estratégico deste local, e a sua ocupação ao longo de vários séculos, da qual se encontram vestígios no interior do recinto, não só pelas estruturas em granito, como também pelos artefactos cerâmicos recolhidos. Ao longo dos tempos teve várias ocupações, destacando-se a Idade do Bronze (final), do Ferro e Medieval. Para além desta linha de muralha e de ruínas das estruturas habitacionais existentes no seu interior, foram encontradas diversas cerâmicas lisas, de produção manual e a torno.

Toda esta rede de povoados que emerge a partir do III milénio a.c., esteve na origem na designação, pela qual ainda hoje é conhecida Paredes da Beira “Cidade do Sol e dos Sete Castelos”. Nestes povoados foram encontrados à superfície vestígios arqueológicos (em exposição no Museu Eduardo Tavares), destacando-se cerâmicas decoradas de produção manual e a torno, machados em pedra polida de diversos materiais, elementos de mós manuais, para além, da existência em alguns casos, de linhas de muralha. Este conjunto de povoados, integrados com outros a norte, ajudam a conhecer este território ao longo de cinco milénios.





Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia

Necrópole megalítica de Areita

Povoado da Senhora da Assunção

Berrão de Paredes da Beira

Vicus de Paredes da Beira

Necrópole medieval das Feiticeiras

Necrópole medieval da Acheira

Para além dos espaços e de todo o património arqueológico móvel associado à evolução deste território, subsiste um vestígio arqueológico definidor da identidade destas comunidades: o berrão de Paredes da Beira. Característica do nordeste peninsular e da cultura agro-pastoril (em Espanha denominam-se de *verracos*) esta peça em granito, possui no dorso a inscrição AMBROECON, estando gravados sob a forma de covinhas, os olhos e as orelhas, tendo ainda representado o órgão sexual masculino, a cauda e orifício anal. Datada da Idade do Ferro/Período Romano (século VIII a.c./século V), está em exposição no Museu Eduardo Tavares.

No século III a.c. assiste-se à presença das primeiras legiões de Roma na Península Ibérica, e ao seu estabelecimento no território do Douro, mais concretamente a partir dos inícios do século II a.c. . Fundindo-se com as populações locais, os romanos reutilizaram, desde o século I, os espaços de ocupação castreja, transformando muitos deles em pontos de defesa militar ou simples atalaias de vigilância. Introduziram ou fomentaram a cultura da vinha, da oliveira e dos cereais “trilogia cultural da agricultura mediterrânica”, aproveitaram as inúmeras fontes de água, desenvolveram a mineração, construíram estradas e pontes.

Nesta conceção de território, ao longo do atual território de S. João da Pesqueira, são criadas pequenas *villae* e *vicus* (unidades administrativas e agrárias), como aconteceu em Paredes da Beira.

A importância, variedade e dispersão de materiais arqueológicos da época romana ao longo do atual aglomerado de Paredes da Beira, levam a supor a existência de um *vicus* na época romana, provável capital de um povo indígena, os *Arabrigenses*. Percorrendo as artérias que se localizam a norte e a este, conseguem-se visualizar ruas, becos e artérias representativas do passado do aglomerado.

Ruas estreitas, onde apenas se circula a pé, e imóveis de diversas volumetrias com função habitacional, onde existe o reaproveitamento de muito material de diferentes épocas no seu aparelho construtivo, sendo visíveis vários vestígios arqueológicos evidenciadores da época romana.

É possível visualizar a existência de diversos elementos de estruturas arquitetónicas romanas, como bases e fustes de colunas, tambores, mós manuais, pilastras, marcas de forfix... para além de um pequeno troço de calçada localizado a sul do atual aglomerado, certamente relacionado com os troços de calçada existentes na





Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia

Necrópole megalítica de Areita

Povoado da Senhora da Assunção

Berrão de Paredes da Beira

Vicus de Paredes da Beira

Necrópole medieval das Feiticeiras

Necrópole medieval da Acheira

Serra de Sampaio, em Trevões, e que permitiria a ligação e comunicação para sul do território (Viseu). Assiste-se a um sincretismo cultural, mistura de crenças, valores e representações onde se fundem vestígios de cultos religiosos indígenas, com outros romanos e orientais, altares de sacrifícios escavados nas rochas e inscrições romanas. É exemplo dessa religiosidade a ara anepígrafa proveniente de Paredes da Beira, que se encontra em exposição no Museu Eduardo Tavares, peça arqueológica votiva ou funerária, em granito, constituída por capitel com fóculo (onde eram colocadas as essências), fuste e base (século II-III).

A presença romana é ainda complementada pela existência de diversa cerâmica (século I-IV), onde para além da cerâmica de construção (tégulas e ímbrices), armazenagem (dolia) e produção (pesos de tear e cossoiros) os conjuntos ceramológicos compreendem especialmente cerâmicas decoradas de várias tonalidades (com engobe), terra sigillata itálica e hispânica, cinzenta fina e cerâmica comum.

Para além deste conjunto ceramológico encontrado à superfície, de salientar um outro achado de superfície encontrado em Paredes da Beira, um fragmento de escória (século III-V), vestígios que se encontram em

exposição no Museu Eduardo Tavares. No lugar das “Tintureiras”, sobressai a presença de um afloramento granítico escavado, que segundo a tradição local faria parte de um conjunto de mais três, que “*serviriam para tingir tecidos*”. Coloca-se a possibilidade de estar relacionado com um lagar primitivo para a pisa da uva cujos restantes elementos foram destruídos, ou será parte de um santuário rupestre da época romana.

A importância e extensão destes vestígios da época romana em Paredes da Beira, afirma a relevância deste povoado antes e durante o processo de romanização deste território.

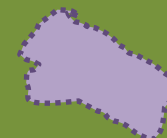
No período da Idade Média, Paredes da Beira continua a ter preponderância estratégica no território, beneficiando desde logo da atribuição de foral entre 1055-1065 (conjuntamente com S. João da Pesqueira). Foi certamente um importante centro populacional, como se pode comprovar pela existência de diversas sepulturas escavadas na rocha no seu território (lugar das Feiticeiras e da Acheira), de diversas estelas e sarcófagos.

Momentos, percursos, factos e artefactos identitários do território de Paredes da Beira.

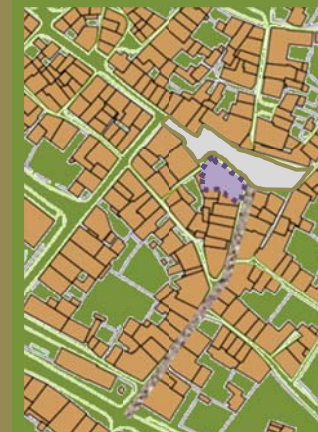




Acesso pedonal (recomendado) Rua Direita



Museu Eduardo Tavares



Praça da República (S. João da Pesqueira)



Abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia

Necrópole megalítica de Areita

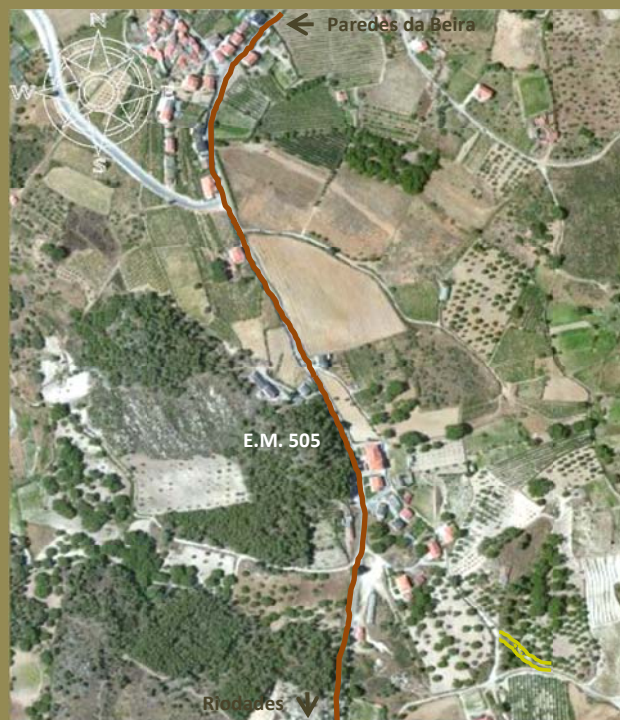
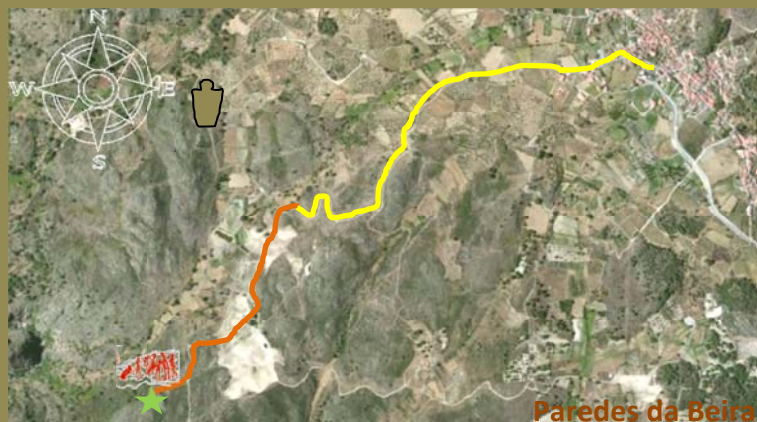
Povoado da Senhora da Assunção

Berrão de Paredes da Beira

Vicus de Paredes da Beira

Necrópole medieval das Feiticeiras

Necrópole medieval da Acheira



Elemento de mó
manuária romana



Base de coluna de
duplo toro romana



Base de coluna
romana



Pilastra romana



Fuste de coluna
romana



Pilastra romana



Base de coluna
romana

★
Abrigo com pinturas
rupestres da Fraga D'Aia



Acesso recomendável

★
Necrópole megalítica
de Areita

—
Vestígio da muralha do
povoado da Senhora da
Assunção

—
Troço de via romana

☞
Necrópole medieval das
Feiticeiras

☞
Necrópole medieval da
Acheira



Rua da Portela

Rua do Outeiro Alto

Largo do Rossio

Rua Chão do Abade

Rua do Adro

Rua do Castelo

Rua dos Concelheiros

Rua da Curtinha

Rua da Azenha

Cabeço da Forca

Grade

Portela

Estrategicamente situada entre os atuais territórios do Douro e da Beira, ocupando a vertente sul da elevação da Senhora da Assunção, Paredes da Beira foi ao longo dos tempos beneficiada por esta localização geográfica. Existe um longo percurso histórico por trás das marcas perceptíveis da realidade mais recente, como são exemplo os diversos vestígios e espaços arqueológicos que se encontram no seu atual território, e que eternizaram a expressão “Cidade do Sol e dos Sete Castelos”.

Os registos documentais do território das “paredes da beira” remontam ao século XI (1055-1065), em que

beneficiando da atribuição do foral de Fernando Magno, conjuntamente com S. João da Pesqueira, Penela e Ansiães, assiste-se ao repovoamento desta região, e Paredes da Beira viu ao longo dos tempos a sua importância ser sucessivamente confirmada por D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Afonso II e D. Afonso III, sendo doada por D. Fernando e reconfirmada por D. João I aos Coutinhos, Marqueses de Marialva.

Recebe ainda Foral Novo de D. Manuel I em 1514. Riodades, também referido a partir do século XI, pertencia ao termo de Paredes da Beira.

Como sede de concelho, teve casa da câmara e cadeia, existindo em 1836 *“uma casa antigamente das sessões de câmara (...) que parte de nascente com a casa de Manuel Joaquim de João Bento (o Coxo) ao poente com um quintal de Teresa Anciães e a praça, do norte com casas de Henriqueta Norinha (...) servindo esta casa para a instrução primária”*, pelourinho e forca.

Numa descrição do ano de 1767, refere-se a existência de *“juiz ordinário, vereador, almotacés, dois escrivãos do público, juiz dos órfãos e escrivão (...) as justiças dão juízes ordinários que na sua majestade nos Deus*

Guarde manda fazer pelo corregedor de Pinhel sem que ao presente seja ou tenha tido donatário algum (...)”.

Fruto das vicissitudes das várias épocas, o concelho de Paredes da Beira, viria a ser extinto em 1830 (datando provavelmente desta altura a demolição do pelourinho do século XVI, reconstruído em 1989) integrando o concelho de S. João da Pesqueira.

O aglomerado populacional, que em 1758 *“tem duzentos vizinhos e quinhentos e sessenta e quatro pessoas”*, o núcleo antigo, ter-se-á implantado na vertente sul da Senhora da Assunção *“hum escraboço monte”*, onde com





Rua da Portela

Rua do Outeiro Alto

Largo do Rossio

Rua Chão do Abade

Rua do Adro

Rua do Castelo

Rua dos Concelheiros

Rua da Curtinha

Rua da Azenha

Cabeço da Forca

Grade

Portela

avanços e recuos fruto de um longo processo histórico e afinidades com as estruturas arqueológicas existentes no topo da Senhora da Assunção, os topónimos Portela (a oeste) e Vale da Vila (a este) ajudam a compreender e a interpretar a implantação do aglomerado populacional.

O património construído no núcleo antigo, não assume um grande carácter monumental, a sua expressão é discreta, resultado de um núcleo antigo fortemente humanizado, e que ao situar-se em encosta, originou diversas ruas estreitas que confluem para o adro da Igreja de S. Bartolomeu, e para o eixo principal constituído

pela Rua da Corredoura – Caminho Novo, onde se encontra o património arquitetónico de maior escala. Nas ruas do núcleo antigo é possível perceber a sua evolução, guardando um registo de casario de pequena escala com a utilização do granito no seu aparelho construtivo, que, à medida que se desce e “avança no tempo”, sobressaem ruas mais amplas e de traça regular, com exemplares de arquitetura civil e religiosa, onde para além da Igreja de S. Bartolomeu (de provável edificação medieval) o pelourinho relembra o percurso municipalista deste território.

As diversas artérias que constituem o aglomerado, e através das suas designações e características físicas, transportam-nos para diversas épocas e momentos da História Local (e de Portugal), e para o dia-a-dia destas comunidades que vivenciaram estas mudanças, do qual resultou diverso património. Nesta viagem ao longo dos quotidianos, ritmos e rotinas, o simbolismo desses momentos encontra expressividade na designação de algumas artérias, repercutindo-nos para a anterior existência de edifícios (Castelo, Portela, Azenha, Grade), de ofícios (Chão do Abade), períodos do municipalismo local (Casa dos Concelheiros, Outeiro do Pregão), ou na

sua fisionomia específica, onde subsistem topónimos, cuja designação supõe anteriores ocupações (Outeiro Alto, Vale da Vila, Rossio). O território de Paredes da Beira apresenta diversas marcas do tempo, expressas numa vasta e diversificada rede de património local, representativa de um contínuo e longo processo histórico. Ao sabor de gestos, saberes, gostos e mudanças sociais, económicas e culturais, este território foi desde à cerca de seis milénios espaço de diversos intervenientes e protagonistas, que nos vários momentos da História, foram estabelecendo e construindo nestas paisagens milenares, patrimónios definidores da sua identidade.





Pelourinho de Paredes da Beira

Casa dos Anciões

Casa dos Nunes

Casa da Torre das Pedras / Casa dos Azevedos / Capela dos Santos Mártires

Casa do Cruzeiro

Casa da Praça

A povoação de Paredes da Beira, recebe, conjuntamente com S. João da Pesqueira e outras localidades do atual centro e norte de Portugal, carta de foral entre 1055 e 1065, sendo sucessivamente confirmado até aos inícios do século XVI, nomeadamente no ano de 1514, quando D. Manuel I concede Foral Novo a esta localidade, e terá impulsionado a construção deste pelourinho, sem no entanto se colocar de parte a anterior existência de outro marco jurisdicional. Contudo, em 1830, este concelho é extinto e integrado no concelho de S. João da Pesqueira, o que terá levado ao processo de desmantelamento desta peça arquitetónica, sendo

posteriormente reconstruído (1989). Pelourinho de arquitetura civil, revivalista, neo-manuelina. A base é em tambor cilíndrico; o fuste é de secção quadrilobada, formado por quatro colunas embebidas, sem decoração, onde assenta diretamente o remate, esculpado com quatro peças ovalóides, em taça, estriadas, salientes relativamente ao prumo das quatro colunas do fuste, e que intercalam com quatro máscaras em relevo (peça de remate do pelourinho manuelina). Ao centro, uma peça tronco-piramidal de faces côncavas encimada por rebordo quadrangular onde assenta uma esfera.

A antiga Casa da Torre das Pedras e a Capela de Nossa Senhora da Assunção constituem, respetivamente, um importante testemunho arquitetónico com cerca de 9 séculos de história, e 250 anos de culto e tradição religiosa por parte dos habitantes da região. Estudos recentes sobre o edifício habitacional permitiram identificar cinco fases construtivas, a primeira das quais remonta ao século XI e a última ao século XIX.

Se o edifício, primeiro ligado aos Távoras e depois aos Azevedos, é importante por toda a tradição histórica que encerra, a capela é o espaço arquitetónico que mais se destaca, pelo barroquismo das suas formas, cujo projeto tem vindo a ser atribuído a Nicolau Nasoni.

No interior, ganha importância a capela-mor, com os seus três altares a ocupar a totalidade deste espaço, num trabalho realizado em pedra da região, onde o horror ao vazio, próprio do barroco, está presente. O retábulo-mor, é de talha policromada, e nos dois restantes encontram-se os túmulos dos mártires S. Félix e S. Paulo, cuja presença motivou o culto neste templo, e a instauração de privilégios e indulgências, dependendo a capela ainda hoje diretamente do Papa, desde que Benedito XIV, cujo brasão de armas encima o retábulo-mor, enviou entre outras oferendas as 2788 relíquias colocadas nos diversos relicários que a ela pertencem.

Está classificado como Imóvel de Interesse Municipal (Decreto n.º 129/77, DR. I Série, n.º 226, de 29-09-1977).





Pelourinho de Paredes da Beira

Casa dos Anciões

Casa dos Nunes

Casa da Torre das Pedras / Casa dos Azevedos / Capela dos Santos Mártires

Casa do Cruzeiro

Casa da Praça

Percorrendo as artérias da Corredoura, passando pela Praça e pelo Caminho Novo, em direção à Portela, são visíveis os exemplares de património arquitetónico civil, mais significativo de Paredes da Beira. Edifícios de grande volumetria e escala, com utilização do granito no aparelho construtivo, e presença pontual de elementos decorativistas, como acontece na Casa dos Anciões, onde a linguagem decorativista predomina essencialmente na capela de Santo António. Este imóvel do século XVIII, apresenta uma fachada simples, complementada pela riqueza arquitetónica da fachada da Capela de Santo António, onde para além do óculo

circular profusamente adornado com motivos vegetalistas e brasão, elemento que permite a presença de luz no interior do espaço religioso, verifica-se a presença de linhas geométricas sob as quais assentam pináculos a adornar a porta principal.

Localizada no Caminho Novo, a Casa dos Nunes destaca-se pela sua escala e volumetria arquitetónica, à qual se enuncia todo um espaço verde delimitado por muro em granito de bom talhe e volumetria. No seu alçado norte, destaca para a imponente chaminé.

Na periferia da Casa dos Azevedos, na Rua do Santo, a Casa do Cruzeiro destaca-se pela sua escala arquitetónica e implantação em área de espaço verde e agrícola que a circundam.

Este modelo de espaço é profusamente divulgado ao longo do século XIX, em que são construídas ou ampliadas nos territórios rurais e agrícolas, espaços em que no rés-do-chão subsistem áreas de apoio ao trabalho agrícola e os pisos superiores são dedicados ao quotidiano social. Muitas vezes são construídas em anexo a estes espaços, outras áreas de apoio à agricultura, como o lagar ou os estábulos.

A Praça é o centro cívico e social deste aglomerado, onde, em frente ao Adro da Igreja de S. Bartolomeu, o antigo edifício da Casa do Clube (século XIX/século XX) é o imóvel que se destaca, pela presença do seu decorativismo geométrico nas portas e janelas do 1º piso. Estes espaços alicerçam a importância patrimonial do território de Paredes da Beira, com maior expressividade ao longo dos séculos XVIII e XIX, do qual resultaram diversas tipologias de património construído. É o reflexo de uma linha temporal e cronológica em que as várias gerações foram construindo uma relação de intimidade e proximidade com este território.





Igreja de S. Bartolomeu

Capela de Nossa Senhora da Assunção

Capela de S. Sebastião

Capela de S. Salvador

Capela de Santa Eulália

A Igreja de S. Bartolomeu apresenta uma fachada lisa, com portal de arco de volta perfeita encimado por um óculo quadrilobado e com sineira de dupla ventana do lado direito. Interiormente destaca-se a qualidade da sua talha patente na capela-mor. O corpo, de grandes dimensões apresenta quatro altares de talha. O coro alto está assente em duas colunas de granito com pias de água benta. No seu espaço interior e exterior, e sobretudo na área de acesso à entrada principal e porta lateral direita, verifica-se a presença de diversas lápides funerárias, nas quais foi impressa uma numeração.

Espaço estratégico, defensivo e habitacional no passado, passou a desempenhar uma função de cariz religiosa, com a construção de uma pequena capela de invocação à Senhora da Assunção, onde por entre antigos caminhos carreteiros, ainda são realizados atos devocionais (como a bênção dos campos) e romarias.

Esta pequena capela tem um altar com retábulo formado por quatro colunas de madeira, decoradas com elementos vegetalistas, onde se encontram as imagens de Nossa Senhora da Assunção, Santa Quitéria e Santa Eufémia, e diversos ex-votos de invocação às figuras litúrgicas presenciáveis neste espaço.

Inserida no atual aglomerado populacional de Paredes da Beira, na Rua do Santo, a Capela de S. Sebastião possui uma planta quadrangular, sistema de cobertura de duas águas com quatro pináculos nas extremidades. Na fachada possui dois óculos guarnecidos a granito, assim como a iconografia alusiva ao martírio de S. Sebastião, representada no talhe de duas setas cruzadas acima da porta principal do monumento (o dia 20 de Janeiro é o dia do Mártir S. Sebastião).

Interiormente tem um altar com retábulo formado por duas colunas.

Subsistem ainda na periferia deste aglomerado populacional, as capelas de invocação a S. Salvador (também conhecida por Capela da Portela ou de Santa Catarina), a oeste, e Santa Eulália, a este de Paredes da Beira. Ambos os espaços são de arquitetura simples, destacando-se a presença de fontes de água nas proximidades de ambas. Através da referência aos espaços religiosos existentes em Paredes da Beira no ano de 1758, são enunciadas a existência de “(...) seis ermidas (...) fora do lugar tem outras três (...) São Caetano de hum homem particular, outra da Senhora do Monte, outra da Senhora da Ascenção (...)”.





Alminhas do Rebordinho

Alminhas E.M. 505

Cruzeiro de Santa Eulália

Alminhas do Largo do Rossio

Cruzeiro do Largo do Rossio

Cruzeiro da Independência

Cruzeiro da Restauração

Ao longo dos tempos o homem elegeu momentos do ano, no que diz respeito à sua relação mágica com a terra, como elementos simbólicos de celebração da riqueza que esta lhe proporciona. Os antigos rituais e divindades indígenas, passam a ser representados pelos santos de devoção popular, cujas datas de celebração são pontos de referência da relação com os ritmos da terra.

Na periferia dos aglomerados populacionais, são muitas vezes colocadas pequenas alminhas, fruto da religiosidade e da superstição (nalguns casos) e continuação do uso romano e pagão de levantar nas

encruzilhadas dos caminhos, entradas das pontes e junto das habitações, elementos simbólicos. Muitas vezes a sua existência, pressupõe a aproximação de um lugar de culto ou o caminho que a ele conduz, situando-se em caminhos principais, mas também nos caminhos vicinais, especialmente nas encruzilhadas. Construídos de forma erudita ou vernácula, de escala variável, e alusivos a determinados momentos do percurso histórico, estes elementos arquitetónicos simbolizam e perpetuam a relação do homem com a terra, e a sua mistificação dos espaços. Junto à estrada municipal que deriva para norte, encontram-se as alminhas do Rebordinho,

Rebordinho, peça isolada onde em talhe foi esculpida cruz latina e um pequeno nicho, notando-se a presença de cor vermelha. Ainda na mesma artéria, para sul, e implantadas em muro, mais um exemplar de alminhas com fóculo, onde assenta cruz latina. Na periferia da Capela de Santa Eulália, e em arruamento que parte da estrada municipal para oeste, subsiste, supostamente, elemento de um antigo cruzeiro, com decoração e cruz latina. No aglomerado de Paredes da Beira, no Rossio e na Rua da Portela, encontram-se embutidas em muro de casa habitacional, as alminhas do Rossio (com a data de 1924?) e o cruzeiro do Rossio assente em peanha

com a data de 1940. Este cruzeiro, conjuntamente com o cruzeiro da Independência e o cruzeiro da Restauração, foram construídos em 1940, quando se assiste por todo o território Português à construção destes elementos arquitetónicos (Cruzeiros dos Centenários), por ocasião da Exposição do Mundo Português. Para além da conotação religiosa, encontram-se impressas datas que relembram momentos da História de Portugal. Estes cruzeiros possuem numa arquitetura cuidada, são pensados e desenhados, com a finalidade de transmitir uma mensagem devocional e de glorificação dos então “momentos” do País.





Cruz impressa em afloramento no Calvário

Cruz impressa das Feiticeiras

Marca de Cruz na Fonte de S. Salvador

Cruz na Rua da Água Levada

Cruz na Rua da Curtinha

Fontinha de Belém

Um território possui ao longo do seu espaço físico inúmeras travessias, caminhos e percursos com múltiplas finalidades, construídos em diferentes épocas e em diversas tipologias de solo. Desde a atividade comercial, a funções militares, passando por permitir o acesso a determinados locais, e povoações, foram construídos ao longo dos tempos, diversos caminhos que ainda hoje são utilizados, ou em alguns casos, permanece a memória de antigos rituais de passagem e travessia do território.

Associados a estas travessias, lugares e passagens, subsiste na memória coletiva das populações locais, a

idealização de lugares de mitos e lendas, onde conotado ao fenómeno natural dos locais, aparece um conjunto de “rituais e práticas”, onde denominações como Buraco da Moura, Fraga da Pena, Feiticeiras, sobrelevam o aparecimento de “lugares mágicos”.

Para além da perpetuação destes lugares de memória e de antigos caminhos de forasteiros, viajantes e peregrinos, também aparecem junto a estas antigas travessias, elementos gráficos impressos e elementos arquitetónicos de assumida conotação religiosa (Calvário, Água Levada) ou relembrando momentos e

vivências da religiosidade de outras épocas (Curtinha). Ao longo dos tempos, esta relação de proximidade com os lugares leva a que nos mesmos sejam impressas marcas no granito, que podem ter as mais diversas formas e características, simbolizando e conotando a posse e limite desses lugares, são marcas nas pedras indiferentes à passagem do tempo.

Nesta ritualização também fica a sacralização de lugares através de romarias, onde surgem várias lendas, salientando-se a da Fontinha de Belém. Num afloramento rochoso existente na periferia da Capela da

da Assunção, existe uma pequena concavidade, onde fica retida água. A rapariga que molhar naquele local os cabelos, eles nascem e ficam mais fortes. A ritualização dos espaços permaneceu... Associado a Paredes da Beira, e a este território de avanços e recuos durante o período da Reconquista Cristã, persiste na memória coletiva, o lugar Vale dos Mil, onde ocorreu uma batalha no dia de S. João, entre “*mouros e cristãos*” e onde terão “*morrido mais de mil mouros*”. Percorrendo o território de Paredes da Beira subsistem sinais, aspetos, vivências, rituais, objetos, gostos, memórias e quotidianos da construção desta paisagem milenar...





Fonte do Chão do Abade

Fonte de S. Salvador

Fonte do Santo (ou da Grade)

Fonte e Tanques da Curtinha

Picotas do Chão do Abade

Para fazer face às irregularidades do ciclo da água, e como forma de aproveitamento deste imprescindível recurso natural, foram-se desenvolvendo diversas práticas e estratégias capazes de assegurar a sua presença nos diversos momentos em que é, e era necessária.

A necessidade de construção de diversos fontanários públicos, na sua grande maioria em pleno espaço público, marca essa necessidade de aproveitamento da água, seja para o então abastecimento às populações, para as diversas práticas agrícolas (rega), pastorícia e quotidianos domésticos.

Existem alguns elementos espalhados pelo território que perderam a funcionalidade para que foram criados, mantendo-se esses espaços como peças de memórias...

Fontanários, tanques, fontes, poços, picotas, noras, representam os diversos sistemas de captação de água, encontrando-se estrategicamente implantados como a melhor forma de retenção e obtenção da água. Estes sistemas asseguravam o fornecimento de água a este território, serviam para a rega de culturas agrícolas, especialmente as hortas, para além de serem espaços, especialmente os tanques, onde se assistia à lavagem

do vestuário (onde muitas vezes são analisados e discutidos diversos assuntos da comunidade). Em alguns casos, a sua localização corresponde aos percursos que os gados realizavam na sua saída para o trabalho agrícola e posterior regresso aos seus estábulos.

Construídos de forma mais elaborada, erudita e funcional, estes sistemas de retenção e fornecimento de água, são o reflexo do então, e ainda quotidiano de quem aqui vive e usufrui destes marcos na paisagem, onde ainda hoje servem, por exemplo, de suporte para as manifestações festivas, como acontece durante a celebração

anual do padroeiro S. Bartolomeu, em que se assiste na Fonte da Curtinha ao “banho dos participantes” na célebre volta da banda musical pelas ruas do aglomerado de Paredes da Beira.

Grande parte deles são em granito, localizam-se ao longo do aglomerado populacional, afirmando este carácter de abastecimento para todos. Desta relação do homem com a terra, sobressai um conjunto de picotas na periferia do aglomerado, em espaço de pequenas hortas, demonstrando a eficácia e funcionalidade deste sistema ancestral para a rega dos produtos hortícolas.





Referenciável

Moinhos da Ribeira

Caminho da Grade

Caminho do Chão do Abade

Caminho da Ribeira

A Ribeira, espaço físico e natural sobranceiro à Serra de Sampaio, ocupa no imaginário e na memória da comunidade de Paredes da Beira, um legado de saberes e práticas imateriais relacionadas com a cultura cerealífera, para além das rotinas e quotidianos que a moagem do cereal pressupunha, expressas nas diversas unidades moageiras que se encontram implantadas no seu curso de água.

Ao longo deste vale com solos férteis, foram-se construindo diversos moinhos nos locais onde o caudal da Ribeira era mais apropriado ao represamento e aproveitamento da água para a moagem do cereal.

Este aproveitamento prolonga-se pelo território de Trevões (a sul), onde a Ribeira passa a ter a designação de Ribeira dos Galegos, e o caudal atravessa o vale encaixado da Serra de Sampaio.

Na área da Ribeira subsistem diversos moinhos, com várias escalas, sistemas de moagem tradicional e implantação no solo, para além de levadas com caudais curtos e extensos, assim como a presença de alguns açudes. São características que proporcionam um melhor funcionamento dos engenhos hidráulicos de moagem, criando a energia suficiente para acionar os rodízios.

Este património é o resultado de uma atividade, de uma profissão, ligadas à produção e transformação dos cereais que caracterizaram a agricultura neste território. São escassas as referências escritas e documentais a este espaço, subsistindo na paisagem a transformação e aproveitamento dos recursos naturais, numa época em que a cultura cerealífera predominava na paisagem agrícola.

Ao longo do tempo, foi-se estabelecendo na Ribeira, uma pequena comunidade de moleiros, certamente com ligação à de Trevões. Era no espaço físico do moinho que muitos viviam ao longo do ano com a família, onde

o quotidiano do exercício profissional estava muitas vezes dependente do volume de água da Ribeira. Entretanto desativados, os moinhos da Ribeira, procuravam aproveitar o máximo da força motriz da água para a laboração dos seus engenhos. Estas unidades são na sua grande maioria constituídas por dois pisos, no piso inferior funcionavam os rodízios, e no superior, os engenhos (mós). Em área anexa, muitos possuem a casa do moleiro, o forno para cozer o pão, o lagar para a pisa das uvas, a eira e a horta, para além do açude e das levadas que encaminhavam a água para o moinho, onde na entrada (no cubo) era diretamente projetada para





Referenciável

Moinhos da Ribeira

Caminho da Grade

Caminho do Chão do Abade

Caminho da Ribeira

o rodízio (de roda vertical), elemento e engenho primordial do moinho, cuja força motriz colocava em funcionamento as mós. A tipologia de mós utilizada variava de acordo com o cereal a moer, sendo que as mais utilizadas eram as mós em granito, indicadas para a moagem do milho, aveia e cevada. Regularmente, estas mós necessitavam de ser picadas pelo moleiro.

O conjunto de moinhos da Ribeira, entretanto desativados, ainda representam, identificam e caracterizam o território de Paredes da Beira, e as suas valências imateriais, arquitetónicas, tecnológicas e históricas.

Ao longo dos vários séculos, são criados, construídos e delimitados neste território, diversos caminhos e percursos como forma de circulação. Desde o contexto militar, comercial, agrícola e religioso, os caminhos procuravam (e procuram) o seu atravessamento. Aproveitando os melhores contextos naturais para a sua criação, é muitas vezes criada uma rede de caminhos e percursos que ao longo do tempo são renovados de acordo com as necessidades e meios de circulação e transporte.

Nesta construção de percursos, era muitas vezes utilizada matéria-prima local para a edificação de muros, ou

por vezes são colocadas “ao alto” pequenas lajes, com a finalidade de delimitar e marcar na paisagem esse percurso. De cariz mais funcional, mais erudito ou aproveitando as condições naturais do relevo, a sua linha e marca na paisagem persiste... assim como um conjunto de práticas imateriais consubstanciadas no imaginário, originando a representatividade de lendas sobre alguns locais, edifícios, pontes ou momentos a eles associados.

A sua (atual) designação pode facultar informação acerca desta utilização, ou existência, acesso a algum

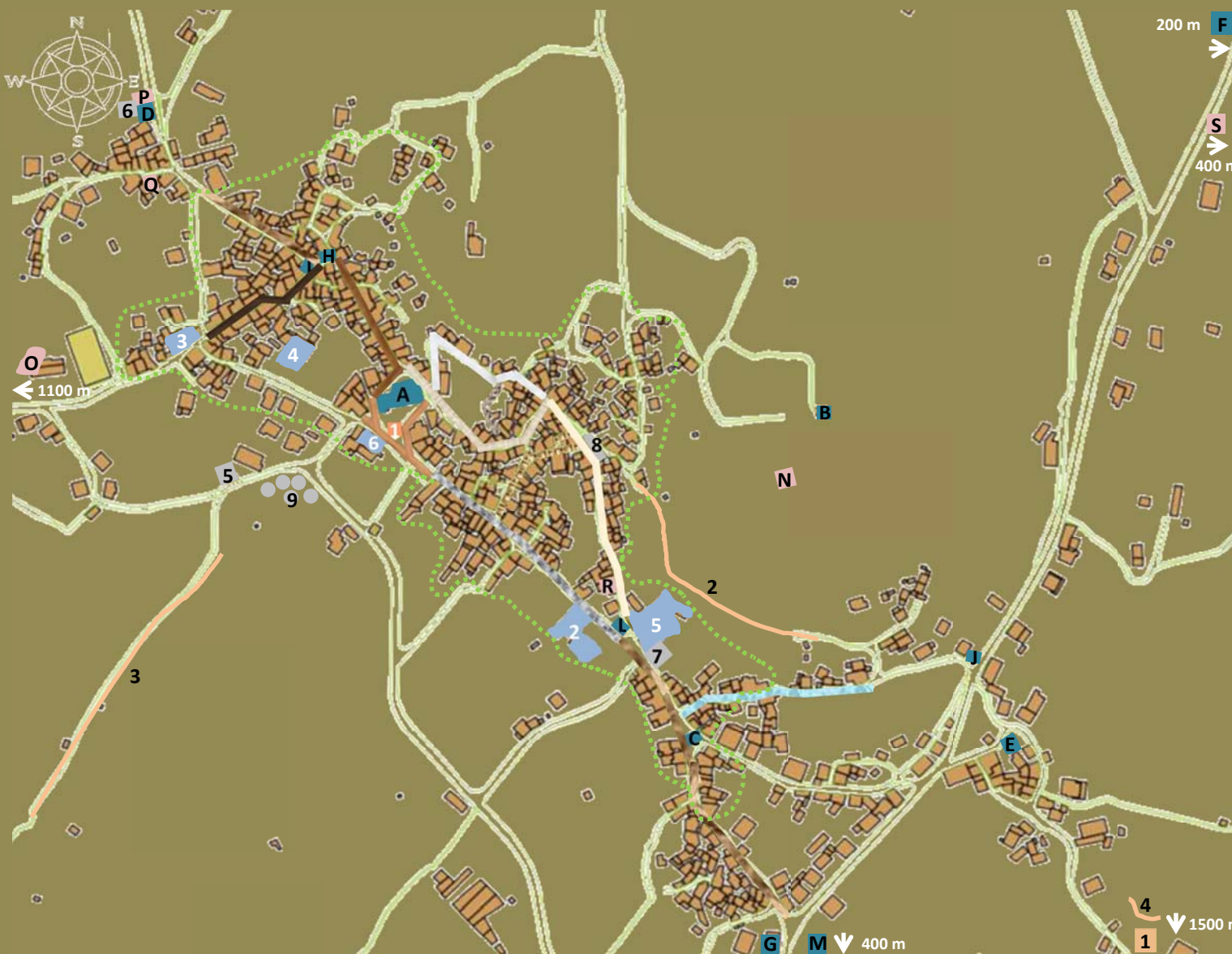
edifício (como por exemplo o Caminho da Grade, situado a meia encosta e implantado no afloramento granítico da Senhora da Assunção, permite o acesso ao núcleo antigo de Paredes da Beira), ou a provável existência de antigas propriedades do clero (Caminho do Chão do Abade), para além de representar a ligação e comunicação entre antigas comunidades (como o caso do Caminho da Ribeira, que ao longo do seu percurso é delimitado por muros e pequenas lajes, existindo ainda diversos edifícios de cariz vernacular).

A existência destes percursos é um complemento físico e imaterial para se conhecer este território.





Referenciável



Rua da Portela	Rua da Prova	Rua do Adro	Largo da Praça
Rua do Relógio	Rua dos Concelheiros	Rua do Castelo	Rua do Forno
Rua da Corredoura	Rua da Curtinha	Rua da Azenha	Rua do Santo
1	2	3	4
Pelourinho	Casa da Torre das Pedras	Casa dos Anciães	Casa dos Nunes
5	6		
Casa do Cruzeiro	Casa da Praça		
A	B	C	D
Igreja de S. Bartolomeu	Capela de Nossa Sra. da Assunção	Capela de S. Sebastião	Capela de S. Salvador
E	F	G	H I
Capela de Santa Eulália	Alminhas do Rebordinho	Alminhas da E.M. 505	Alminhas e Cruzeiro do Largo do Rossio
J	L	M	N
Cruzeiro de Santa Eulália	Cruzeiro da Restauração	Cruzeiro da Independência	Fontinha de Belém
O	P	Q	R S
Feiticeiras	S. Salvador	Água Levada	Curtinha Calvário
1	2	3	4
Moinhos da Ribeira	Caminho da Grade	Caminho do Chão do Abade	Caminho da Ribeira

- 5 Fonte do Chão do Abade 6 Fonte de S. Salvador 7 Fonte do Santo (ou da Grade) 8 Fonte e Tanques da Curtinha 9 Picotas do Chão do Abade



Produtos Endógenos: castanha, maçã e produção de queijo

O espaço agrícola de Paredes da Beira caracteriza-se, pela predominância do castanheiro, macieira e alguma silvicultura, complementada com a existência de vinho e azeite. Paralelamente, a prática da pastorícia, e a produção de queijo, são um outro complemento económico para estas comunidades, assim como algumas culturas forrageiras e produtos hortícolas.

Durante várias décadas, a recolha da resina também contribuiu para a definição económica destas comunidades, com a plantação de vastas áreas de pinhal neste território.

Ao longo da paisagem deste território, assiste-se à implementação destas culturas, beneficiando de uma orografia que permite a sua mecanização e da permanência de água de forma mais consistente, em oposição à paisagem norte do Douro, de clima mais quente e seco. Neste território de Paredes da Beira, predomina o planalto com solos de afinidades graníticas e arenosas, e áreas de declives acentuados para o vale do rio Távora.

Durante os meses de setembro e outubro, começa o ciclo da apanha da maçã e da castanha... A versatilidade

destes produtos vai desde a sua utilização na gastronomia (doces, licores, sumos, compotas) como para produtos de saúde e beleza. Enquanto a macieira é uma árvore de pequeno/médio porte, existem castanheiros de grande porte, com várias dezenas e centenas de anos.

A sua importância como base alimentar e económica neste território, e a sua existência, vem já referenciada, entre outros, no Foral de D. Manuel I (1510) em que serviam (especialmente a castanha e a maçã) para o pagamento de tributos e impostos. Um outro mosaico de cores, hábitos e saberes presente neste território.

Num território de forte cariz agrícola, a produção de gado caprino e ovino, assume-se como uma mais-valia económica. Ao longo deste território subsistem unidades de exploração de carácter familiar, variando o número de cabeças com a disponibilidade para o seu pastoreio. Da prática desta atividade, resulta uma panóplia de produtos, destacando-se os enchidos e os queijos de produção artesanal.

O imaginário social deste território está intimamente ligado à Natureza, em rituais que ainda hoje fazem parte da evolução e da relação humana com a terra e com os seus recursos... é assim desde à vários milénios.



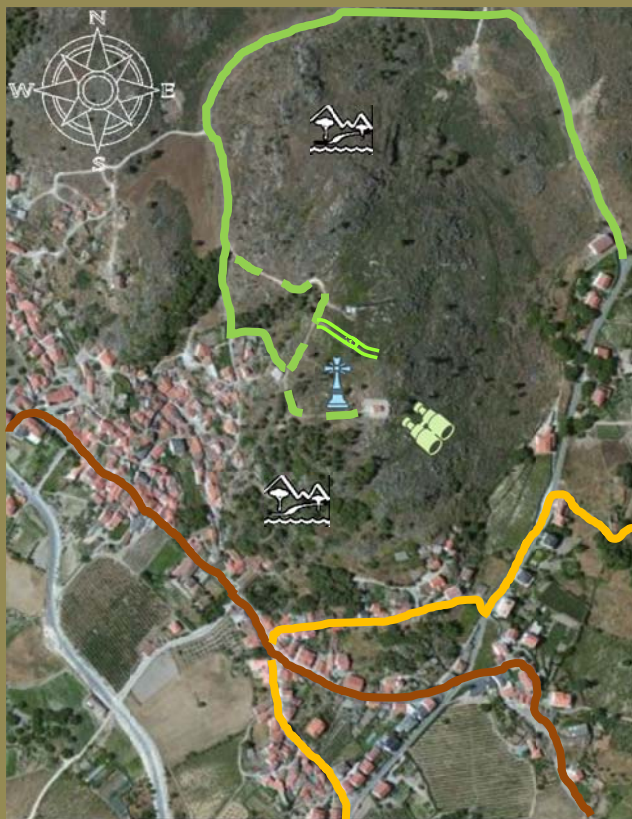


Percurso Pedestre GR 14
Grande Rota dos Vinhos da Europa

Percurso Pedestre PR 1
Pequena Rota dos Castanheiros

Espaços Naturais
e Florestais

Miradouro da
Senhora da Assunção



Troço do Percurso
Pedestre do GR 14



Acesso ao miradouro da
Senhora da Assunção



Vestígio da muralha
do povoado da
Senhora da Assunção



Troço do Percurso
Pedestre do PR 1



Miradouro e Capela da
Senhora da Assunção



Espaços naturais e
florestais

Ficha Técnica

Coleção: Percorrer e Conhecer...

Título: Percorrer e Conhecer... Paredes da Beira

Entidade Promotora: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Coordenação: Departamento de Ação Social e Cultural

Texto, Fotografia e Conteúdos: Departamento de Ação Social e Cultural (A.O.)

Fontes Iconográficas: Arquivo Municipal de S. João da Pesqueira

Reservados: Livro do Tombo Novo dos Bens do Concelho de S. João da Pesqueira (1866)

Memórias Paroquiais de Paredes da Beira e de Riodades (1758)

Créditos Fotográficos: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (A.O.)

Ricardo Augusto Costa (*Neve em Paredes da Beira* – 1960, e *Resineiro*, pág. 10 e 20)

P. Manuel Pinto de Moura (*Igreja de S. Bartolomeu*, capa)

Museu Eduardo Tavares (*decalque das gravuras do Dólmén de Areita* – *Arqueohoje*, pág. 7)

Agradecimentos: Ricardo Augusto Costa

Edição: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Fevereiro de 2015



Todos os direitos reservados



